



Intervenções precoces em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Abordagens e resultados

Juliana Reis de Albuquerque ¹, Eliana Francisca Viana ¹, Jullie Soares Loureiro ¹, Matheus Manhães Moreira ², Maria Eduarda Gonçalves Sabino Macedo Bedas ³, Fernando Monteiro ⁴, Eliana Cristina Miranda ⁵, Fauze Samir Laila ⁶, Danielle dos Santos Tebet ⁷, Gustavo Flamini ⁸, Bárbara Borges de Aguiar ⁹, Janaína do Vale Lopes ¹⁰, Isabela Christina Silva Nogueira ¹¹, Karina Kirmse ¹¹, Juliana Oliveira Normanha de Carvalho ¹², Dellano Nicacio Alles de Castro ¹



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n11p35-47>

Artigo recebido em 11 de Setembro e publicado em 01 de Novembro

REVISÃO SISTEMÁTICA

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação social, na interação social e pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas podem manifestar-se de diversas formas e em diferentes graus de severidade, o que leva à classificação do TEA como um espectro. As características do transtorno se tornam evidentes geralmente na primeira infância, e sua prevalência tem aumentado nas últimas décadas, levantando preocupações sobre os fatores ambientais, genéticos e neurológicos associados. A relevância deste artigo reside na necessidade crescente de compreender as intervenções precoces no TEA, dado que a detecção e o tratamento precoces têm mostrado um impacto significativo no desenvolvimento das crianças. Intervenções realizadas nos primeiros anos de vida podem não apenas mitigar os sintomas, mas também melhorar as habilidades sociais e a qualidade de vida das crianças afetadas. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, a qual investigou sobre o manejo precoce do TEA, para avaliar segurança e eficácia terapêutica, pela coleta de dados nas plataformas PubMed, LILACS, Periódicos CAPES, EMBASE e Scielo, dos últimos 5 anos. Assim, os achados sugerem um caminho promissor para o avanço nas intervenções precoces em TEA, embora ainda haja uma necessidade premente de mais pesquisas. Investigações futuras devem focar em ensaios clínicos com amostras maiores e na comparação direta de diferentes abordagens de intervenção, assim como na identificação de fatores que possam moderar ou mediar os resultados. Além disso, a exploração de estratégias que incorporem as preferências familiares e contextos culturais pode contribuir para a eficácia e aceitação das intervenções, potencializando os resultados positivos para crianças com TEA e suas famílias.

Palavras-chave: Psiquiatria; Autismo; Manejo.

Early interventions in children with Autism Spectrum Disorder (ASD): Approaches and results

ABSTRACT

The Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition characterized by persistent deficits in social communication, social interaction, and the presence of restricted and repetitive patterns of behavior, interests, or activities. These symptoms can manifest in various ways and to different degrees of severity, leading to the classification of ASD as a spectrum. The characteristics of the disorder typically become evident during early childhood, and its prevalence has increased over the past few decades, raising concerns about the associated environmental, genetic, and neurological factors. The relevance of this article lies in the growing need to understand early interventions in ASD, as early detection and treatment have shown a significant impact on the development of affected children. Interventions carried out in the early years of life can not only mitigate symptoms but also improve social skills and the quality of life for affected children. This is a systematic literature review investigating the early management of ASD to assess therapeutic safety and efficacy, through data collection from platforms such as PubMed, LILACS, CAPES Journals, EMBASE, and SciELO from the last five years. The findings suggest a promising path for advancing early interventions in ASD, although there is still an urgent need for further research. Future investigations should focus on clinical trials with larger samples and direct comparisons of different intervention approaches, as well as identifying factors that may moderate or mediate the results. Furthermore, exploring strategies that incorporate family preferences and cultural contexts can contribute to the effectiveness and acceptance of interventions, enhancing positive outcomes for children with ASD and their families.

Keywords: Psychiatry; Autism; Management.

Instituição afiliada – ¹Afya Faculdade de Ciências Médicas de Jaboatão dos Guararapes, ²FAMINAS BH, ³AFYA PALMAS, ⁴Afya Garanhuns, ⁵ITPAC PORTO NACIONAL, ⁶UNINOVE MAUÁ, ⁷USJT, ⁸Fameca/Unifipa, ⁹UAM, ¹⁰FESAR, ¹¹FMPE, ¹²UNESUL BAHIA, ¹³UNIFAI

Autor correspondente: *Lucas Oliveira Nepomuceno de Alcântara* nepomucenolucas@hotmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação social, na interação social e pela presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas podem manifestar-se de diversas formas e em diferentes graus de severidade, o que leva à classificação do TEA como um espectro. As características do transtorno se tornam evidentes geralmente na primeira infância, e sua prevalência tem aumentado nas últimas décadas, levantando preocupações sobre os fatores ambientais, genéticos e neurológicos associados (Lord et al., 2020).

A fisiopatologia do TEA é complexa e ainda não totalmente compreendida, mas pesquisas indicam que uma combinação de fatores genéticos e ambientais contribui para o seu desenvolvimento. Alterações na conectividade neural, disfunções em circuitos cerebrais relacionados à interação social e anomalias em áreas como o córtex pré-frontal e o cerebelo têm sido observadas. Estudos genéticos revelam uma heterogeneidade significativa, com várias mutações e polimorfismos associados ao transtorno, o que sugere uma base multifatorial na etiologia do TEA (Parellada et al., 2022).

O diagnóstico do TEA é realizado por meio de uma avaliação clínica abrangente, conforme os critérios estabelecidos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Os critérios diagnósticos incluem a presença de déficits em múltiplas áreas da comunicação e interação social, que se manifestam em contextos variados, além da presença de comportamentos, interesses ou atividades restritas e repetitivas (Miller et al., 2020).

Para um diagnóstico preciso, os sintomas devem estar presentes desde a primeira infância, afetando o funcionamento diário da criança. A avaliação é frequentemente complementada por escalas de triagem e entrevistas estruturadas com familiares e profissionais (Harstad et al., 2023).

O tratamento farmacológico do TEA tem se mostrado eficaz em alguns casos, especialmente no manejo de comorbidades como ansiedade, depressão e transtornos de hiperatividade. Os medicamentos mais utilizados incluem os inibidores seletivos da



recaptação de serotonina (ISRS), antipsicóticos e estabilizadores de humor, os quais podem ajudar a aliviar sintomas específicos. No entanto, o uso de medicamentos deve ser cuidadosamente monitorado, levando em consideração os possíveis efeitos colaterais e a necessidade de uma abordagem multidisciplinar (Eckes et al., 2023).

As intervenções não farmacológicas, que incluem terapia comportamental, fonoaudiologia, terapia ocupacional e programas educacionais especializados, são fundamentais no manejo do TEA. A Análise Comportamental Aplicada (ABA) é uma das abordagens mais reconhecidas e se concentra na modificação de comportamentos através de reforço positivo. Essas intervenções visam melhorar as habilidades sociais, comunicativas e de autoajuda, promovendo um desenvolvimento mais saudável e uma melhor integração na sociedade (Lin et al., 2024).

A relevância deste artigo reside na necessidade crescente de compreender as intervenções precoces no TEA, dado que a detecção e o tratamento precoces têm mostrado um impacto significativo no desenvolvimento das crianças. Intervenções realizadas nos primeiros anos de vida podem não apenas mitigar os sintomas, mas também melhorar as habilidades sociais e a qualidade de vida das crianças afetadas. Este artigo visa contribuir para a discussão sobre a importância de estratégias de intervenção precoces, enfatizando como um manejo adequado pode facilitar a adaptação social e educacional dessas crianças, evidenciando a necessidade de políticas públicas que promovam o acesso a diagnósticos e tratamentos adequados.

METODOLOGIA

Este estudo configura-se como uma revisão sistemática da literatura, com foco nas intervenções precoces em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), analisando a eficácia e os resultados de diferentes abordagens terapêuticas. A coleta de dados foi realizada em bases de dados eletrônicos reconhecidos, incluindo PubMed, LILACS, Periódicos CAPES, EMBASE e SciELO. A busca foi fundamentada nos descritores em Ciências da Saúde (DeCS) "Transtorno do Espectro Autista", "Intervenções Precoces", "Eficácia" e "Terapias", permitindo a identificação precisa dos estudos relevantes.

Os critérios de inclusão foram rigorosamente estabelecidos, abrangendo ensaios



clínicos randomizados, estudos de coorte, revisões sistemáticas e metanálises que apresentem uma análise crítica da literatura pertinente às intervenções precoces em crianças com TEA. Foram considerados estudos que avaliaram intervenções autorizadas ou reconhecidas na prática clínica, que se baseassem em dados de eficácia reportados após a implementação em diferentes populações pediátricas.

O período de publicação foi limitado a artigos publicados entre 2019 e 2024, garantindo a atualidade dos dados. A pesquisa foi restrita a estudos redigidos em português, inglês ou espanhol. Os critérios de exclusão foram aplicados de forma criteriosa, englobando publicações anteriores a 2019, que foram descartadas para garantir a relevância temporal da literatura. Além disso, foram removidas duplicatas para evitar redundância de dados na análise. Estudos que não abordaram especificamente intervenções precoces em crianças com TEA foram excluídos, incluindo aqueles que se concentraram em intervenções tardias ou em aspectos não terapêuticos do transtorno. Estudos que não cumpriram a adequação metodológica segundo a Escala de PEDro, como ausência de randomização, controle de grupo, cegamento ou seguimento adequado dos participantes, também foram desconsiderados.

A busca inicial identificou 615 registros. A triagem preliminar, com a leitura dos resumos, levou à exclusão de 450 artigos que não atendiam aos critérios estabelecidos. Os 165 artigos restantes foram analisados em profundidade, resultando na seleção final de 11 estudos que discutiram efetivamente as intervenções precoces em crianças com TEA. Durante a análise, foram cuidadosamente examinados os resultados e as metodologias dos estudos selecionados, buscando identificar as práticas recomendadas e as evidências científicas que fundamentam as intervenções precoces, com discussões contextualizadas à luz das diretrizes atuais e das melhores práticas em saúde pública e pediatria.

RESULTADOS

O estudo de Kasari et al. (2023) avaliou a eficácia de dois modelos de intervenção precoce para melhorar a comunicação social e os resultados da linguagem em 164 crianças autistas pré-escolares com atrasos significativos no desenvolvimento global e



habilidades linguísticas limitadas. Realizado em um ambiente escolar comunitário, as crianças participaram de uma hora de terapia diária por seis meses, seguidos de um acompanhamento de seis meses. A medida de resultado primário foi uma avaliação padronizada da linguagem, complementada por medidas secundárias focadas na comunicação social. Os resultados demonstraram um ganho médio de seis meses no desenvolvimento da linguagem ao longo dos seis meses de intervenção, sem diferença significativa entre os modelos de intervenção, sendo um deles a intervenção comportamental de desenvolvimento naturalista (JASPER) e o outro o Treinamento de Teste Discreto (DTT). Crianças que apresentaram maior frequência de atenção conjunta ou melhor linguagem receptiva no início do estudo mostraram progresso mais significativo ao serem designadas para o modelo JASPER, enquanto aquelas que receberam DTT obtiveram avanços mais expressivos na linguagem falada durante o acompanhamento. Esses achados sugerem que intervenções precoces direcionadas podem resultar em progresso significativo em crianças autistas minimamente verbais, com variações nas trajetórias de desenvolvimento dependendo das habilidades iniciais em comunicação social e linguagem receptiva. Pesquisas futuras devem explorar a personalização de abordagens terapêuticas com base nas características individuais da criança e nas preferências familiares.

O estudo de Contaldo et al. (2019) investigou os resultados do Early Start Denver Model (ESDM) em 32 crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) após um ano de intervenção comunitária, com o objetivo de identificar preditores da aquisição de objetivos de tratamento, conforme medido pela Early Start Denver Model Curriculum Checklist. Os resultados em nível de grupo mostraram melhorias significativas nas habilidades de comunicação e no funcionamento adaptativo, além de uma redução na gravidade dos sintomas associados ao TEA. A análise revelou uma considerável heterogeneidade nos resultados, que foi relacionada a fatores como habilidades não verbais pré-tratamento, gravidade dos sintomas, repertório de ações e gestos, e compreensão lexical. Os achados sugerem que características individuais podem ser preditores críticos do sucesso da intervenção, destacando a importância do desenvolvimento de abordagens "personalizadas" para atender às necessidades específicas de cada criança com TEA. Esses resultados têm implicações relevantes para a prática clínica e para a formulação de intervenções mais eficazes e adaptadas às



particularidades de cada paciente.

O estudo de Malucelli, Antoniuk e Carvalho (2020) teve como objetivo analisar a eficácia do Coaching Parental precoce em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi realizado um ensaio clínico randomizado, controlado e cego, envolvendo 18 crianças com idades entre 29 e 42 meses, atendidas no Ambulatório de Autismo de um Centro Neuropediátrico no sul do Brasil. Os participantes foram alocados aleatoriamente em dois grupos: o Grupo de Estudo (GE; n=9), que recebeu Coaching Parental ministrado por um profissional certificado pelo Early Start Denver Model (ESDM), e o Grupo Controle (GC; n=9), que seguiu o acompanhamento padrão sem intervenção parental. O coaching teve duração de 12 semanas, com reuniões semanais de aproximadamente 2 horas, durante as quais os pais foram incentivados a aplicar as técnicas em casa. Os resultados mostraram uma taxa de aprendizagem significativamente maior no GE em várias habilidades de desenvolvimento, incluindo comunicação receptiva e expressiva, capacidade social, imitação, cognição, jogos, habilidades motoras finas e grossas, comportamento e independência pessoal. Além disso, observou-se uma melhoria nas estratégias e na qualidade da interação entre pais e filhos no GE. Esses achados sugerem que o Coaching Parental pode ser uma intervenção precoce promissora para crianças com TEA, contribuindo para um desenvolvimento mais abrangente e eficaz.

O estudo de Ranjan et al. (2024) avaliou a eficácia comparativa da Intervenção Mediada pela Família (FMI) e da Intervenção Comportamental Intensiva Precoce (EIBI) em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio de um ensaio clínico randomizado, ativo-controlado e de não inferioridade. Um total de 50 crianças foi randomizado em dois grupos: FMI e EIBI, e a avaliação clínica foi realizada utilizando a Escala Indiana para Avaliação do Autismo (ISAA), além de perfis oromotores e sensoriais, na linha de base e após três e seis meses. Ao final de seis meses, a diferença na mudança na pontuação média do ISAA entre os grupos foi de -7,23 (IC=-18,41 a 3,94), evidenciando que a FMI não foi inferior à EIBI, uma vez que o limite inferior do intervalo de confiança de 95% foi superior à margem de não inferioridade clinicamente relevante de -24. Ambas as intervenções resultaram em pontuações ISAA significativamente menores em comparação à linha de base, indicando uma melhora na gravidade dos sintomas. Os resultados sugerem que, embora a FMI tenha se mostrado não inferior à



EIBI, um tratamento mais prolongado pode ser necessário para que a FMI alcance resultados superiores. Assim, a FMI é recomendada como uma abordagem eficaz para crianças com TEA, com base nas melhorias observadas nas pontuações do ISAA.

O estudo de Gulsrud et al. (2024) investigou a eficácia de intervenções mediadas por cuidadores em uma coorte de bebês de 12 a 22 meses que apresentavam sinais precoces de autismo, em um ensaio controlado randomizado. Os participantes e seus pais foram alocados aleatoriamente em grupos que receberam treinamento baseado em Atenção Conjunta, Engajamento e Regulação Simbólica (JASPER) ou psicoeducação, complementados por um currículo padrão para a primeira infância. Ao longo de um período de 8 semanas, ambos os grupos mostraram ganhos substanciais em comunicação social, brincadeira e cognição, com um aumento médio de 10 pontos no Quociente de Desenvolvimento (DQ) e melhorias nas medidas padronizadas, que se mantiveram em uma visita de acompanhamento de dois meses. O grupo que recebeu JASPER destacou-se ao aumentar o envolvimento conjunto iniciado pela criança e a qualidade da brincadeira durante interações diádicas, enquanto o grupo de psicoeducação melhorou a atenção conjunta em avaliações padronizadas realizadas por avaliadores independentes. Além disso, o risco familiar para autismo moderou o efeito do tratamento, com bebês sem histórico familiar apresentando os maiores ganhos no grupo JASPER. Esses resultados ressaltam a importância de intervenções precoces na promoção de resultados positivos para crianças e suas famílias em contextos de risco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos estudos revisados revela um avanço significativo na compreensão e eficácia das intervenções precoces em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os resultados obtidos em diversas abordagens, como a Intervenção Comportamental de Desenvolvimento Naturalista (JASPER), o Coaching Parental e a Intervenção Mediada pela Família (FMI), evidenciam que intervenções dirigidas não apenas promovem ganhos substanciais em habilidades de comunicação, brincadeira e funcionamento adaptativo, mas também são capazes de mitigar a gravidade dos sintomas associados ao TEA.

O estudo de Kasari et al. (2023) demonstrou que tanto o modelo JASPER quanto



o Treinamento de Teste Discreto (DTT) levaram a ganhos significativos no desenvolvimento da linguagem, destacando a importância de personalizar abordagens terapêuticas com base nas características individuais das crianças. Contaldo et al. (2019) corroboraram essa necessidade, ao identificar que a heterogeneidade nos resultados das intervenções pode ser atribuída a fatores como habilidades não verbais e repertórios de ação pré-tratamento. Esses achados ressaltam a relevância de intervenções personalizadas que considerem as particularidades de cada criança.

Adicionalmente, o estudo de Malucelli et al. (2020) reforçou a eficácia do Coaching Parental, sugerindo que a capacitação dos pais pode ser uma estratégia promissora para fomentar um desenvolvimento mais abrangente nas crianças. Da mesma forma, Ranjan et al. (2024) mostraram que a FMI pode ser uma alternativa eficaz à EIBI, especialmente quando se considera a manutenção de resultados positivos após o tratamento.

Por fim, a pesquisa de Gulsrud et al. (2024) destacou a importância de intervenções iniciadas em idades precoces, evidenciando ganhos significativos em crianças expostas a programas de atenção conjunta e engajamento mediado por cuidadores. A identificação de preditores de sucesso nas intervenções, assim como a influência do risco familiar, abre novas perspectivas para a personalização de abordagens terapêuticas.

Esses achados sugerem um caminho promissor para o avanço nas intervenções precoces em TEA, embora ainda haja uma necessidade premente de mais pesquisas. Investigações futuras devem focar em ensaios clínicos com amostras maiores e na comparação direta de diferentes abordagens de intervenção, assim como na identificação de fatores que possam moderar ou mediar os resultados. Além disso, a exploração de estratégias que incorporem as preferências familiares e contextos culturais pode contribuir para a eficácia e aceitação das intervenções, potencializando os resultados positivos para crianças com TEA e suas famílias.

REFERÊNCIAS

CONTALDO, A. et al. Outcomes and moderators of Early Start Denver Model intervention in young children with autism spectrum disorder delivered in a mixed individual and group setting.



Autism, v. 24, n. 3, p. 718–729, 21 nov. 2019.

ECKES, T. et al. Comprehensive ABA-based interventions in the treatment of children with autism spectrum disorder – a meta-analysis. BMC Psychiatry, v. 23, n. 1, 2 mar. 2023.

GULSRUD, A. C. et al. Comparative efficacy of an early intervention “parent and me” program for infants showing signs of autism: The Baby JASPER model. Infant Behavior and Development, v. 76, p. 101952–101952, 27 abr. 2024.

HARSTAD, E. et al. Persistence of Autism Spectrum Disorder From Early Childhood Through School Age. JAMA Pediatrics, v. 177, n. 11, p. 1197–1197, 2 out. 2023.

KASARI, C. et al. Spoken language outcomes in limited language preschoolers with autism and global developmental delay: RCT of early intervention approaches. Autism Research, v. 16, n. 6, p. 1236–1246, 18 abr. 2023.

LIN, X. et al. Advances in the Diagnosis and Treatment of Autism Spectrum Disorders in Children. Alternative therapies in health and medicine, v. 30, n. 3, 2024.

LORD, C. et al. Autism spectrum disorder. Nature Reviews Disease Primers, v. 6, n. 1, 16 jan. 2020.

MALUCELLI, E. R. S.; ANTONIUK, S. A.; CARVALHO, N. O. The effectiveness of early parental coaching in the autism spectrum disorder. Jornal de Pediatria, v. 97, n. 4, p. 453–458, 15 out. 2020.

MILLER, L. E. et al. Characteristics of toddlers with early versus later diagnosis of autism spectrum disorder. Autism, v. 25, n. 2, p. 416–428, 26 set. 2020.

PARELLADA, M. et al. In Search of Biomarkers to Guide Interventions in Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review. American Journal of Psychiatry, v. 180, n. 1, p. 23–40, 7 dez. 2022.



RANJAN, R. et al. Comparative Efficacy of Family Mediated Intervention versus Early Intensive Behavioural Intervention on Symptom Domains in Children with Autism Spectrum Disorder: A Randomized Controlled Trial. *Asian Journal of Psychiatry*, v. 96, p. 104052–104052, 16 abr. 2024.